



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

1

## DISCURSO E PRÁTICAS DISCURSIVAS

### Experiência a partir dos catadores de materiais recicláveis de Mesquita

Professor Mestre Obertal Xavier Ribeiro

Universidade Celso Lisboa

ribeiro.obertal@gmail.com

### Introdução

Este texto parte da prática e do discurso de catadores, a realidade destes sujeitos é referência para pesquisa, que aponta para a necessidade e possibilidade de ampliar o debate crítico e interdisciplinar sobre economia solidária e alternativa de geração de renda, com a coleta seletiva de material reciclável. O tema assume uma nova dimensão na práxis dos catadores. O estudo resulta da Dissertação de Mestrado em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio orientado pelo Professor Dr. José Geraldo da Rocha.

Realidade e prática são consideradas como referenciais neste trabalho teórico para a compreensão desta temática contemporânea. Sujeitos ocultos e desconhecidos, identidades fragmentadas, apontadas como emergentes na pós-modernidade indicam uma cultura nova que vem de baixo, considerando a importância do alternativo, do protagonismo que se pronuncia no testemunho, na fala e no espaço social e histórico que ocupam. Da experiência cotidiana emerge a análise de discursos. O discurso e socioconstrucionismo ao lado da cultura discursiva a partir de catadores serão desenvolvidos considerando o valor da biografia, introduzidos pelo testemunho da catadora Jupira, que ressalta a importância da vida e das expressões próprias pela sua fala. É a fala dos catadores que indica o contexto em que o discurso destes sujeitos se constrói e se constitui. Trata-se do contexto sócio-cultural em que a formação discursiva se elabora, é tecida e de uma nova compreensão da história como chama Jim Sharpe “história vista de baixo”. Ele aponta como uma abordagem nova da história ou um tipo distinto de fazer a história, que corrige a visão de elite e oferece uma forma alternativa. Considera-se a importância do alternativo, de um protagonismo que se pronuncia no



2

testemunho, nas falas e no espaço social e histórico que ocupam. Demonstram a persistência de formas de economia que surgem de movimentos e práticas sociais que necessariamente provocam uma mudança paradigmática, com o foco na questão ambiental tão emergente no cotidiano. A escolha de uma cultura de catadores encontra-se perfeitamente com a perspectiva histórica apontada, de interfaces que se cruzam na construção histórica dos povos. Ela nos ajuda na compreensão do seu cotidiano, naquilo que lhe é específico e que constrói sua história de vida, aberta para a compreensão do problema abrangente que afeta a humanidade na sua dimensão ecológica, do mundo do trabalho e da produção; das relações humanas, da construção do diálogo com os diversos setores sociais, desafios da contemporaneidade, como é afirmado. “Inversamente, poderia ser argumentado que a temática da história vista de baixo, os problemas de sua documentação e, possivelmente, a orientação política de muitos de seus profissionais criam um tipo distinto de história.” (1992, p. 54).

Essas duas possibilidades são reais, vista de baixo e tipo distinto de fazer a história, corrigem a visão de elite e oferece uma forma alternativa que aponta as interfaces de processos identitários no mundo contemporâneo.

### **Prática e discurso, o testemunho da catadora Jupira**

Com acompanhamento e registro de dados feitos pelo autor, a prática de coleta seletiva de lixo reciclável, em Jacutinga, no município de Mesquita, iniciada em 1993, revelam que esses protagonistas têm revelado uma instituição identitária representativa em dois aspectos significativos: o primeiro é o social de um grupo que se organiza, e o segundo é o individual de sujeitos autônomos. É a partir de suas práticas de coleta seletiva que se torna atividade alternativa econômica e de seus discursos nos locais que desenvolvem sua ação, que se evidencia atualmente uma prática educativa alternativa, a construção de uma história diferente de catadores organizados. Daí questionar: como o discurso elaborado pelos catadores revela a prática transformadora?

A investigação da prática explicitada no testemunho de vida e em algumas falas recolhidas no cotidiano desses catadores, colocadas frente ao referencial bibliográfico de discursos e de construção de identidade, nos conduz à compreensão de que a prática



3

discursiva é um conteúdo de uma análise de discurso. As questões que emergem da teoria sobre análise do discurso e a prática dos catadores são aqui apresentadas como referência. Confrontadas apontam para a análise do processo que se estabeleceu no transcorrer da experiência, e o estudo provoca entre outras, a tentativa de apontar para as ideologias presentes nos discursos dos catadores e o quanto essas foram e são construtoras da prática social. Foi o que aconteceu na prática de discurso, observada no grupo de trabalhadores da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Mesquita, a COPCARMO. Nas suas falas e na sua ação ambiental emergem uma postura social e uma prática ecológica educativa alicerçada e mantida pelos seus discursos e expressões que lhes são próprios. Estes assumem um valor acadêmico e textual relevante para a análise de discursos na perspectiva do papel próprio do sujeito que o elabora, em desafio com as forças hegemônicas na sociedade contemporânea.

Ao fazer a leitura dos referenciais bibliográficos apresentam-se elementos significativos da ação do grupo de Mesquita para o espaço acadêmico, relacionando a teoria com uma práxis efetiva, referindo-se à formulação discursiva, que nesses sujeitos muitas vezes é expressa no silêncio, quando em muitas delas é calada. Esse conteúdo, essas evidências e construções, contribuem efetivamente para redefinir e consolidar a totalidade do mundo dos catadores, não como algo isolado e singular, mas sob um novo ponto de vista, sob a ótica das ciências humanas e sociais e da elaboração do discurso na corrente da história que se constrói. É esta vista de baixo, a partir dos pequenos e dos pobres na construção e valorização de identidades e de alternativas de produção e geração de renda, que oferecem uma nova visão de sujeitos e práticas que se defronta com tantas outras construções que a contemporaneidade apresenta.

Aqueles que escrevem a história vista de baixo não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado: também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas. Desse modo, a história vista de baixo mantém sua aura subversiva (SHARPE. 1992, p. 62).

Neste sentido, ocupa lugar de destaque o testemunho da mulher que conseguiu resignificar sua existência e sua identidade como membro da COOPCARMO. Agregou valor ao seu trabalho e de seus companheiros e foi capaz de se expressar ativamente,



4

participando de eventos e usando sua fala para evidenciar o discurso da categoria social da qual pertencia e participava. O testemunho de Jupira Virgínia mostra o valor do discurso como construção de sentidos. Segue o seu depoimento, como parte de uma biografia e elemento significativo na construção deste texto. “... Aí o pessoal da igreja começou a se preocupar comigo. Aí dali pra lá eu não passei mais necessidade. Mas eu não podia mais sair pra nada. Era febre, febre, emagrecimento, eu tinha um corpo bonito. Aí eu já não tinha mais como... Eu e minha filha já tínhamos passado muita fome, morávamos num barraco cheio de rato. Aí dona Maria, mulher do Sr. João, foi lá fazer uma visita, quando viu aquilo ficou apavorada. Eu sem gás, cozinhando na lenha, sem nada. Ela olhou assim, e disse: - Eu vou em casa. E ela voltou com gás, comida. E daí pra cá eu nunca mais passei necessidade, nunca mais eu bebi, fazia uso de tóxico e parei. ... Aí eu fui lá com a dona Maria que me acompanhou. Aí primeiro tive aquela entrevista. Quando a doutora falou que realmente eu estava contaminada, pra mim foi o mesmo que abrir um buraco no chão e eu... aí eu olhei assim na janela de grade e falei assim: - ‘vou me matar’. Aí dona Maria me segurou assim, ficou comigo abraçada. Aí ela disse que era para eu chorar, fazer o que quisesse. Aí ela já veio comigo, veio o encaminhamento para ir e começar o tratamento. Estava já saindo e dei os documento e eu só tinha a carteira profissional. Aí ela disse que para pegar os remédios tem que ter os documentos para fazer o cadastramento que é renovado todo ano. Daí pra lá já comecei arrumar os papéis, comecei a tomar os remédios, tive bastante apoio. Aí apareceu o Padre, Dona Cláudia na minha vida que olhou aquela casa, fora os anônimos, quantos anjos que me ajudaram. Eu tenho uma vida digna aqui. Ganho meu dinheiro limpo. Quando eu melhorei, o Padre e a Dona Cláudia acharam que já estava na hora de eu ter uma atividade! ... Agora com todos os meus problemas eu me identifico como Jupira. Eu olho para minha identidade, meu CPF, que a minha cadeira está lá e é a número 13. Ir nos nossos congressos, assistir a um julgamento. Antigamente não, eu passava pela calçada do fórum e dizia que não posso passar aqui não. Agora eu posso ir, eu vou passar sim porque é o meu lugar. Eu sou cidadã. Eu tenho o direito de ir e vir. Por que eu não posso passar ali? Por que a dona de salto passou? Eu sou igual a ela. Chego lá dou a minha identidade, me sinto bem. Eu me sinto a Jupira. Eu. ... O lixo na minha vida é vida. Muita vida. É compreensão. O carinho de todos! Cuidaram



5

realmente de duas vidas em uma só. Fizeram duas vidas. Num momento eu pensei em desistir. Agora não, eu penso: estou viva!! Quero ver meus netos. Quero me ver assim: velhinha. E eu, sei que é possível. Só depende de mim. E eu Jupira fecho assim dizendo novamente: O lixo é a minha vida” (Informação verbal)<sup>1</sup> (RIBEIRO. 2007, p. 47).

O valor biográfico narra a trajetória de um discurso e a expressividade da práxis que está ao nosso redor e por vezes não é evidenciado. É o valor que tem para o sujeito, que se torna valor para o mundo e que elabora a história a partir de outro olhar. Este olhar é possível, tendo como referencial teórico o socioconstrucionismo e a contribuição que Bakhtin dá para a análise do discurso, destacando a construção de identidades e de transformações sociais, enaltecendo o valor da fala do catador que aqui passa a ser expressa em texto, assumindo novo sentido. Palavra oral e agora é palavra escrita. É escrita da vida formulada na e para a academia.

### **Discurso e Socioconstrucionismo**

A fundamentação da construção discursiva das identidades sociais é apresentada aqui com foco na “profissão de catador”, com base numa visão socioconstrucionista do discurso e das identidades sociais partindo da construção, do processo de produção e do sentido do trabalho humano. É o discurso propondo mudanças para a reconstrução das identidades fragmentadas e fluídas do nosso sujeito – o catador. Os aspectos apresentados da construção da identidade, no testemunho de Jupira e nas falas dos catadores revelam a construção de identidades sociais, que narradas de vidas concretas, situadas e reais, indicam a questão que interessa, que direciona e que dá sentido à pesquisas sociais e humanas na construção da história. É quando vistas por baixo, pela base, que vão despontando como construtoras de identidades, portadoras de questionamentos, elaboradoras de novas verdades, emancipando categorias sociais e dando-lhes novo sentido, lugar social e espaço cultural. Assim afirma Lopes quando trata das mudanças ocorridas nas ações de grupos de interesses próprios e identitários: “Vivemos tempos em que a vida tradicional, ou seja, muitos valores, éticas, ideologias e

---

<sup>1</sup> Testemunho obtido através de entrevista.



6

percepções da vida social entendidos como verdades naturalizadas, estão sendo profundamente questionados” (LOPES. 2003, p. 16).

Associado à categoria social reconhecidamente excluída, os catadores de Jacutinga são referenciais de mudanças, por suas ações e ressaltam que as identidades estão na perspectiva de uma nova ordem social. “Tais ações ressaltam ainda mais que as identidades estão na ordem do dia, pois somos a todo o momento convidados ou mesmo intimados a repensar nossas vidas sociais” (LOPES. 2003, p. 17). A expressão discursiva de catadores constrói sua vida, sua identidade social e pessoal e apresenta indicadores de compreensão do mundo ou da realidade mais próxima vivencial de determinados grupos sociais.

Esses discursos não institucionalizados são construtores de transformações sociais, de mudanças de mentalidades e de novas práticas populares e, até mesmo, novos paradigmas para a educação e formação humana para o processo de produção. Os catadores com sua prática de coleta seletiva são transformadores da realidade socioeconômica, de dimensões vivenciais cotidianas pelo confronto que apresentam na sua prática discursiva ecológica com proporções educacionais, culturais e até políticas. O que ocorreu como alternativa inicial na experiência da Cooperativa de Jacutinga no Município de Nova Iguaçu, se tornou pioneira devido à emancipação do Município de Mesquita, continuando atualmente há mais de 17 anos, agora como política pública municipal. A ação é alternativa para o poder público que não realiza efetivamente ações dessa natureza. Eles simplesmente fazem, e o característico é que no processo de construção da sua ação, um discurso se elaborou, uma ideologia sustentou a prática e construiu uma identidade de catador, que é uma construção social e uma formulação discursiva. Essa atuação do grupo e de outras pessoas que são identificadas com o projeto é reconhecida neste texto como prática discursiva, pois emerge da vida que constitui uma identidade. Ela dá fundamento e base para análise do construcionismo, pois surge da vida concreta, de atos efetivos e pontuais. É muito maior que os discursos estabelecidos na mídia. Daí, a possibilidade de compreensão do contraste entre dois pólos diferenciados: o discurso ecológico da mídia, e ao lado, num mesmo contexto, a vida e o trabalho do catador que é discursiva.



Pode-se dizer, portanto, que as camadas excluídas têm acesso às identidades locais enquanto as elites têm acesso a identidades transglobais: "alguns de nós torna-se plena e verdadeiramente 'globais': alguns se fixam, na sua 'localidade' - transe que não é nem agradável e nem suportável num mundo em que os 'globais' dão o tom e fazem as regras do jogo da vida" (Bauman 1999, p. 8) ou dos discursos sob os quais vivemos. Ou ainda, "ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social" (Bauman 1999, p. 8). Essas questões reposicionam a questão das identidades sociais em outros termos, atravessando, portanto, a classe social, o gênero, a raça, a sexualidade, a idade, a vida profissional etc., como também corroboram, mais uma vez, a relevância dessa temática atualmente (LOPES. 2003, p. 18-19).

O que se pretende ao tratar o discurso de catadores é apontar para o processo identitário que vai se construindo pelas bases, nas periferias, por baixo, nos alicerces. Trazer para o espaço acadêmico a sua existência e do mundo que o cerca, não reconhecido e nem valorizado na totalidade de sua matéria prima, no seu objeto de produção e no seu trabalho. Há referências nessa direção como afirma Lopes no seu livro sobre construcionismo e identidades:

Ao focalizar discursos de identidades, o que este livro quer fazer, ao apresentar práticas discursivas em que as identidades sociais são enfocadas, é contribuir para a reflexão sobre tais práticas ao revelá-las, na tentativa de colaborar na conscientização sobre a vida social de modo que a emancipação humana seja possível ou que pelo menos, seja possível colaborar na compreensão desse "mundo em descontrolo" (Giddens 2000) ou do que, lembrando Aldous Huxley, Castells (1999, p. 17) chama de mundo novo ainda que não saiba se é "admirável ou não" (LOPES. 2003, p. 19).

Suas identidades se constroem além do que deles falam, ou mesmo do que eles falam, por se tratar de uma prática discursiva social. São vidas que se apresentam e se emancipam, se evidenciam no face a face de uma realidade desafiadora de interação, de prática e de conhecimento que transforma a realidade. Como afirma Bauman em "Vida líquida", abordando a existência na contemporaneidade, como elemento de interação social que se percebe e realiza efetivamente nessa prática descrita.

Nesse domínio do face a face, a individualidade é afirmada e renegociada diariamente na atividade contínua da interação. Ser um "indivíduo" é aceitar uma responsabilidade inalienável pela direção e pelas consequências da interação. Tal responsabilidade não pode ser seriamente contemplada a menos que os atores tenham o direito presumido de escolher livremente o caminho a seguir (BAUMAN. 2007, p. 33).



8

Evidentemente, além de um fato social, se reconhece elementos de identidade cultural, de hibridismo desses agentes sociais. Como afirma Stuart Hall tratando de identidade cultural na pós-modernidade, o hibridismo, a fusão das tradições culturais produz uma nova cultura, assim como uma nova forma de cultura emerge dos catadores. Parafraseando Hall, “Algumas pessoas argumentam que o "hibridismo" e o sincretismo - a fusão entre diferentes tradições culturais - são uma poderosa fonte criativa...” (2006, p. 91). Há inegavelmente um universo vasto de criatividade na ação recicladora. Ainda parafraseando o mesmo autor, “... produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas e contestadas identidades do passado” (2006 p.91).

Essa expressão é apresentada por Bauman na mesma obra citada acima como um movimento de identidade. Entende-se que a identidade do catador surge na sociedade plural, eclética e diversa, como um movimento de trabalho e de produção, de reciclagem de suas vidas e de seus materiais, do seu significado com um elemento identitário que lhe é próprio e determinado pelo processo social que estabelece. Definida nas expressões de suas falas, na sua linguagem, que é inovadora e se distingue no fato social que por eles é criado. É chamada pelo referido autor em sua obra “Vida líquida” como identidade que se distingue de todo o “resto”, e que se movimenta e se relaciona.

Numa avaliação final, a "hibridização" significa um movimento em direção a uma identidade eternamente "indeterminada", de fato "indeterminável". No horizonte desse processo, inatingível e teimosamente em retirada, surge uma identidade definida unicamente por se distinguir de todo o resto: de todas e cada uma das identidades nomeadas, conhecidas e reconhecidas, e por essa razão aparentemente estabelecida (BAUMAN. 2007, p. 33).

Na prática o que quer que signifique pode ser considerado parte do discurso. O discurso, então, é alguma coisa que produz algo mais. Isso significa que a análise do discurso está relacionada à língua em uso, nas expressões da linguagem humana. As falas dos sujeitos, a forma discursiva apontada que lhe é própria e característica da sua ação, está para além do estritamente escrito ou falado. Deve-se estar atento não apenas para a relação de interação, mas em uma posição mais crítica e reflexiva em relação aos discursos do “Outro”. Trata-se de construir na fala e na ação o processo identitário.



9

A identidade e o discurso se entrelaçam e se faz necessário um papel reflexivo e crítico frente ao conteúdo explicitado no interesse das ciências sociais e humanas. A abordagem de questões identitárias aponta hoje em direção a uma prática social e a uma leitura científica. Situa-se diante do trabalho de indivíduos com história social onde é definida no grupo em termos de gênero, classe social, raça, religião, região geográfica, etc., e em outros grupos sociais pela participação na comunidade a qual pertencem. A sociabilização se dá dentro de certas identidades relevantes: de gênero, de idade opostas a outras, de classe social e etnia que se destacam neste texto também por categorias produtivas não reconhecidas na sua totalidade. O desafio que essa elaboração propõe é reconhecer que as identidades individuais e coletivas dos sujeitos deste tema fazem parte do que eles representam e do seu reconhecimento pelos outros. É o discurso, a palavra, as falas do catador que para a análise de discursos interessa. O discurso da sua ação é a palavra em movimento nas tantas práticas desses sujeitos. Como afirma Eni P. Orlandi no seu livro de Análise do Discurso: “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (2007, p.15).

Diante do exposto acima, pode-se dizer que a identidade é heterogênea e constituída pelo efeito das diversas posições do sujeito, que é ativo e pode transformar a si mesmo e a realidade. O discurso que se evidencia no exposto aqui é inegavelmente contextualizado. É afirmado no Dicionário de Análise de Discurso:

“O discurso não intervém em um contexto, como se o contexto não passasse de uma moldura, um cenário; de fato, não existe discurso que não seja contextualizado: não se pode, de fato atribuir um sentido a um enunciado fora de contexto. Além disso, o discurso contribui para definir seu contexto e pode modificá-lo durante a enunciação” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU. 2008, p. 171).

A fundamentação na visão socioconstrucionista e a sua relação com o estudo do discurso apresentam a possibilidade de afirmar seu sentido interacional de identidades. O que é apresentado nas falas oferece a compreensão dos sentidos, das projeções interpretativas colocadas no discurso (que é identitário) mostrando que a construção discursiva é local e os respectivos significados as quais representam são para a vida social, para o grupo e também para outros setores sociais.



10

A concepção identitária que se desenvolve da prática dos catadores, confrontada com a visão socioconstrucionista relacionada ao estudo do discurso e seus significados, exigem uma elaboração clara do conceito de identidade que é central para as ciências humanas e sociais onde que se destaca a existência relacionada com a construção social. A proposta desse texto tem grande contribuição, entre outras, para a Análise de Discurso. Apresenta a visão Socioconstrucionista do Discurso considerando que a identidade do sujeito do discurso se constrói de duas maneiras diferentes, em dois domínios que são ao mesmo tempo distintos e complementares, ambos construindo-se em articulação com o ato de enunciação do discurso. Uma é a identidade reconhecida como pessoal, a outra é reconhecida como identidade de posicionamento, que é social. Acrescenta-se que a identidade pessoal é construção e é dinâmica; ato social que resulta de posicionamentos. Caracteriza-se na posição de sujeito o catador no espaço que ocupa no campo discursivo em relação aos sistemas de valor que a questão ecológica e o mundo do trabalho apresentam. Uma formação discursiva se constitui e se elabora a partir do seu discurso e do resultado que este produz nas relações de responsabilidade social, no processo educativo ambiental, nas atitudes de cuidado com a natureza e preservação do universo, e com a geração de trabalho e renda. Essa formação se dá no sentido de designar conjuntos de enunciados que historicamente determinam a prática desses sujeitos. A identidade resulta das ações e das condições de produção do sujeito, efetivamente do seu trabalho e da formação discursiva que possibilita igualmente sua comunicação nas ações e estratégias que ele usa para por em evidência seu trabalho. A efetivação na prática do discurso é, em determinados momentos, a sua própria visibilidade e de seus atos.

### **A cultura discursiva a partir de catadores e resultados sociais**

A análise dos seus discursos e as práticas do trabalho são feitas para compreender a força que as redes sociais têm na transformação da realidade, e se expressam em uma ideologia. O trabalho, com um produto concreto e desprezível para muitos e problema real para humanidade, se torna matéria-prima para alguns em nosso tempo. Bakhtin na sua obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem”, afirma essa materialidade e a relação com o campo da ideologia na compreensão dos signos na



11

realidade humana concreta: “... o ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas” (2009, p. 35). O lixo reciclável, matéria prima para os catadores é o que dá o verdadeiro sentido e significado ideológico para essa categoria social, e Bakhtin afirma que o lugar ideológico é o material social: “Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem” (2009 p.35), e o seu significado se expressa também para o uso da humanidade. “Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação” (2009, p.35). Nisto se evidencia a elaboração e expressão do protagonismo do catador. Ele dá o sentido e o significado do seu material e esse conteúdo tem uma expressão no discurso.

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia (BAKHTIN. 2009, p. 31).

Ao tratar a possibilidade de uma nova compreensão de análise do discurso, de construção cultural e ideológica, o ponto de partida é o grupo de coleta seletiva que realiza trabalho alternativo. Este tem revelado uma construção de identidade de grupo social específico com características próprias, através de suas ações de coleta seletiva e seus discursos. Sua prática é referência para educação ambiental alternativa em relação ao cuidado com a natureza e preservação do meio ambiente, assim como a geração de trabalho e renda a partir da reutilização e reaproveitamento dos materiais recicláveis inorgânicos. Há elementos indicadores de como o discurso elaborado pelos catadores mostra a prática transformadora que chega até a um processo de reeducação e hábitos no cuidado com o universo e com a vida. Oferecem referência para análise de discurso do que o catador é e faz, considerando dois elementos identitários importantes: o processo de trabalho e a elaboração da existência como sujeito histórico que designa seu protagonismo e o significado da sua ação. Em seu livro “A noção de cultura nas ciências sociais”, Denis Cucho define a identidade como estratégia de um ator social, que se constrói com recursos para atingir um fim. Na medida em que ela é um motivo de lutas sociais de classificação que buscam a reprodução ou a reviravolta das relações



12

de dominação, a identidade se constrói através das estratégias dos atores sociais (2002, p. 196). O discurso era percebido como sinal do avanço da atividade. Fazendo uso da palavra, se divulga a iniciativa e estimula a participação e adesão de tantas pessoas, a partir da sensibilização e conscientização para a questão ambiental e da geração de renda. Na apresentação do projeto, as falas dos catadores revelavam a credibilidade e o desenvolvimento das ações em reuniões, encontros com moradores nas casas e em entrepostos de coleta seletiva, em momentos celebrativos, missas e assembleias comunitárias, com a participação de voluntários no processo de construção do trabalho. Além disso, indicaram as expressões significativas que se tornaram slogans identitários do propósito do trabalho dos catadores, bem como da filosofia do grupo. As falas assumiram a forma escrita e expressa em simples folhetos de divulgação e desenvolvimento da gestão do trabalho participativo. Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais (2009, p.14). Esta foi uma iniciativa pioneira e referência para alguns municípios da Baixada Fluminense, como para outros municípios do estado à medida que a experiência foi sendo conhecida, tendo visibilidade e interesse crescente. O grupo assessorado por Padre Obertal e pela voluntária Cláudia Torres recebia vários convites para palestras e animação de pessoas. Implementaram e organizaram a coleta seletiva em outros bairros e municípios, participaram de debates na Semana do Meio Ambiente em escolas, deram palestras na Agenda 21, ganharam prêmios de reconhecimento pelo trabalho realizado através do PDBG (Programa de Despoluição da Baía de Guanabara), assessoraram secretarias municipais de meio ambiente, elaboraram filmes com o testemunho vivencial da ação do grupo, foram membros da RICAMARE<sup>2</sup> e participaram do I Congresso de Catadores em Brasília (2001).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Rede Independente de Catadores de Materiais Recicláveis (RICAMARE) - É um espaço da sociedade civil, independente, onde se luta pela defesa de interesses comuns dos catadores/as de materiais recicláveis no estado do Rio de Janeiro. A NOVA é membro da Secretaria Executiva da RICAMARE. <http://www.novapesquisa.org.br/instituc/instredesparcs.htm> – 11/08/2010.

<sup>3</sup> Os participantes do 1º CONGRESSO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, realizado em Brasília nos dias 4, 5 e 6 de junho de 2001, que contou com a participação de 1.600 congressistas, entre catadores, técnicos e agentes sociais de dezessete estados brasileiros, e os 3.000 participantes da 1ª MARCHA NACIONAL DA POPULAÇÃO DE RUA, no dia 7 de junho do mesmo ano, apresentam a toda a sociedade e às autoridades responsáveis pela implantação e efetivação das políticas públicas, as reivindicações e propostas que seguem. E o fazem contando com a força nascida



Internamente avanços foram alcançados na dinâmica da construção da identidade pessoal e valorização do sujeito a ponto de possibilitar a auto-sustentação e a construção de casinhas populares, viabilizando a inclusão para mulheres que viviam à margem. Elas deixavam seus filhos na creche da Paróquia que tem o propósito de ser um apoio às mães que precisam trabalhar e são o sustentáculo da família, a fim de tranquilamente executem sua tarefa na economia familiar tendo seus filhos cuidados e garantida a educação infantil. Esses elementos são indicadores da importância das redes sociais na transformação da realidade.

A evidência de um discurso, a partir da participação efetiva do trabalho dos catadores, interagindo nos diversos espaços de atuação divulgando e organizando os entrepostos, e a clareza na formulação de uma consciência diferenciada em relação ao lixo, foi se fundamentando como suporte possível para o desenvolvimento de uma prática organizada, que atingiu casas, prédios residenciais e comerciais, condomínios, ruas, escolas, igrejas, bairros, instituições, empresas.

Três aspectos de fundamental importância foram se destacando na elaboração discursiva e sua confiabilidade:

1. A logística, em função da construção do diálogo com o poder público e o seu posterior comprometimento. Hoje é política pública, desenvolvida através da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Mesquita. Esta parceria possibilitou o recolhimento do material, dinamizando o trabalho, com seus recursos, viabilizou transporte e a divulgação pública através de vários meios de comunicação.
2. A prensagem e comercialização com diálogo direto com a empresa de reciclagem e o empresário da CRR (Centro de Reciclagem do Rio) Sr. Joaquim Teixeira da Silva, determinou maior geração de recursos financeiros e possibilitou melhor nível de qualificação do material através de equipamentos e agregação de valor. A comercialização passou a ser direta e reconhecida, modificando a rentabilidade do trabalho realizado.



14

3. O intercâmbio internacional com a ONG Autre Terre que deu visibilidade à iniciativa da COOPCARMO para a Bélgica, como afirma SANTOS no seu comentário.

Parece que tem sido esse caminho trilhado pela COOPCARMO, pois não se detiveram apenas na coleta e seleção do lixo para produzir "mercadorias" que lhes gerassem sustento, mas acabaram por envolver-se numa rede de relações da cadeia produtiva da vida. Trata-se da ocupação do espaço público e da gestão social dos recursos ambientais que ultrapassam a esfera econômica e assumem a esfera política. Em se tratando das ações geradas a partir da realização do trabalho da cooperativa, estas parecem residir no patamar do espaço público: cooperados, comunidade, poder público, empresas estatais e privadas, escolas, cooperativas, organizações ambientais, e demais instituições sociais nacionais e internacionais, entre elas a ONG Autre Terre, vem formando uma rede de ação coletiva (SANTOS. 2005, p. 179. 187).

É importante reconhecer uma experiência real e possível de iniciativa abrangente em que cooperados, comunidade, poder público, empresas estatais e privadas, escolas, cooperativas, organizações ambientais, e demais instituições sociais nacionais e internacionais, formam uma rede de ação coletiva. Na base de toda essa elaboração, estavam sujeitos de diversos segmentos sociais, convencidos pelo discurso elaborado a partir da realidade de catadores, sensibilizando-se com a questão ecológica e do mundo do trabalho. Esses sujeitos aderiram ao processo produtivo de coleta seletiva proposto por essa iniciativa, reconhecendo o catador, o significado que o material e a prática representam. A partir de sua origem eclesial comunitária, atingiram uma abrangência comercial e social com o objetivo de gerar trabalho e renda, evoluindo e formando atualmente, uma cooperativa.

### **Considerações finais**

Para pensar sobre discurso, é necessário apontar elementos constitutivos da análise crítica do discurso que indicam a cultura discursiva que se constrói a partir da práxis. O discurso é revelador do papel social e ideológico que representa, bem como do significado que assume a concepção "lixo é vida!". "O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. A filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica." (BAKHTIN. 2009, p. 16).



Esse texto coloca questionamentos, entre outros, que o futuro poderá apresentar sobre as ideologias, sobre a prática social e sobre as hegemonias. A coleta de dados aponta expressões significativas próprias dos catadores, reprodutoras do que é a base e a fundamentação do trabalho que realiza, que aborda o arcabouço teórico e acadêmico para a análise de discursos. Falam: “Lixo não é lixo!”, “Lixo é vida!” e “Quando nós tocamos no lixo, ele deixa de ser lixo!” (RIBEIRO. 2007, p. 4.6.9). O testemunho vivencial apontado no discurso elaborado pela catadora Jupira indica elementos discursivos identitários dessa análise apresentada.

O propósito deste tema é construir uma análise de discurso com referências científicas, apontando para o protagonista que não está na academia, reconhecendo que a temática lhe é própria, ele domina e tem conhecimento. O tema se coloca na atualidade no âmbito de preocupação da humanidade com a preservação da vida a partir da ecologia e da geração de renda. Precisa de uma sustentação discursiva que não está nos padrões da gramática e da língua, mas expressa uma linguagem própria e compreensão da realidade que deve entrar em uma rede. A palavra dá sentido ao mundo. A fala do catador traduz o sentido da realidade do seu e nosso mundo, da sua e nossa existência; do alternativo.

Os catadores e sua práxis constroem uma nova cultura, no contexto de exclusão ao qual são submetidos. Indicam a compreensão das ideologias e hegemonias, substratos com os quais os discursos se produzem, se mantêm e estabelecem outra formação de linguagem. A biografia narra a trajetória de um discurso e a expressividade da práxis; valoriza o que está ao redor das pessoas e por vezes não é evidenciado. É o valor que tem para o sujeito, e que se torna valor para o mundo que o cerca, onde se elabora a história a partir de outro olhar. Outro olhar é possível, e esse texto aponta valores presentes nessa prática de catadores e nos teóricos apresentados, tendo como referência Bakhtin evidenciando o valor da fala do catador que passa a ser expressa em texto, assumindo um novo sentido. Oralidade torna-se palavra escrita da vida. Vida de Jupira e de outros catadores em suas falas ou não, silenciados pelas circunstâncias históricas, sociais, econômicas e culturais. O catador e o sentido do seu discurso, se referem à palavra e à vida em contexto. O referencial teórico é importante para entender as expressões nos diversos níveis da sua fala para o mundo, para o mercado consumidor,



16

para a economia solidária, para companheiros de trabalho, para a educação e para redes sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.  
\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BAUMAN, Zygmund. **Globalização. As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Luiz Paulo Moita. (Org.) **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.

RIBEIRO, Obertal Xavier. In: **Iahweh levanta do pó o fraco e do monturo o indigente: a reciclagem do lixo como atividade alternativa geradora de vida para o pobre e para o meio ambiente**. São Leopoldo: 2007.

SANTOS, Ana Maria Marques. In: **As relações de trabalho, meio ambiente e educação na COOPCARMO - Projeto Lixo é Vida: Por uma sustentabilidade democrática da inclusão**. Rio de Janeiro, 2005.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.